



[Atribuição BB CY 4.0](#)

A PEDAGOGIA FEMINISTA DE BELL HOOKS

Júlia Campos¹

Resumo

bell hooks – professora, teórica feminista e crítica cultural nos provoca ao dizer que o esforço primário para erradicar a opressão e discriminação, em todas as suas formas, é o movimento feminista, já que o objetivo não é igualar-se aos homens, mas sim, erradicar o que produz a separação entre nós. Todas e todos nós! As assimetrias que mulheres e homens vivem e refletem o mundo, partem de diferentes espaços. Um deles é a escola, que é constituída por categorias dicotômicas de sexo, gênero e sexualidade. A pedagogia feminista surge como aliada à educação, como prática de liberdade para promover aprendizagens de equidade de gênero e o respeito às diferenças. Sendo assim, a proposta central deste estudo é analisar as contribuições do pensamento político-pedagógico da referida hooks à educação em Direitos Humanos. Para tanto, foi conduzido um estudo bibliográfico, cujo foco é averiguar no material teórico - conceitos, fundamentos e um conjunto de ações estruturadas acerca da pedagogia feminista cunhada por *hooks*.

Palavras-chave

bell hooks; Direitos Humanos; Pedagogia Feminista.

Recebido em: 02/11/2022
Aprovado em: 10/12/2022

¹ Mestranda em Direitos Humanos. Coordenadora de curso Técnico na ETE Luiz Alves Lacerda (SEDUC/PE). E-mail: contato@juliacampos.com.br

THE FEMINIST PEDAGOGY OF BELL HOOKS

Abstract

bell hooks – teacher, feminist theorist and cultural critic provokes us by saying that the primary effort to eradicate oppression and discrimination in all its forms is the feminist movement, since the objective is not to equalize with men, but to eradicate which produces the separation between us. All of us! The asymmetries that men and women experience and reflect the world come from different spaces. One of them is the school, which is constituted by dichotomous categories of sex, gender and sexuality. Feminist pedagogy emerges as an ally to education as a practice of freedom, to promote learning about gender equity and respect for differences. Therefore, the central purpose of this study is to analyze the contributions of the political-pedagogical thought of the aforementioned hooks to human rights education. For that, a bibliographic study was carried out, whose focus is to investigate in the theoretical material - concepts, foundations and a set of structured actions, about the feminist pedagogy coined by hooks.

Keywords

bell hooks; Human rights education; Feminist pedagogy.

O desejo de escrever sobre a pedagogia feminista de hooks advém da crítica ao modelo da educação vigente, em que práticas pedagógicas adotam diferenças valorativas e comportamentais nas relações interpessoais entre as/os discentes, quando comparado o gênero. Narramos sobre as contribuições da educação feminista de hooks, seus fundamentos e características, acreditando que sua prática pedagógica vai de encontro à violência simbólica sofrida em salas de aula, buscando a emancipação individual, e posterior - como agente de mudança da prática social, contribuindo para emancipação coletiva, no enfrentamento ao sexismo, à alienação e principalmente à erradicação da ideologia de dominação.

As sábias palavras de bell hooks (2013, p. 25), ao afirmar que “a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”, reflete sua própria vida. A intelectual insurgente enxergou na educação o caminho para sua emancipação como mulher negra, cuja infância foi marcada pelo heterossexismo patriarcal em seu próprio lar e comunidade, somado às restrições sociais e econômicas decorrentes da interrelação da pobreza e negritude. Logo, a jovem - ainda Glória Jean (seu nome de batismo), entendeu que a vida do intelecto era um ato contra hegemônico - uma estratégia necessária à resistência da colonização racista e sexista.

Seu desejo ardente de apreender deslocamentos para participar da transformação do seu mundo, a fez acreditar que o princípio basilar de qualquer mudança deve começar pela educação escolar, pois este é um espaço que se constitui como uma das mais potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008). Desse modo, a educação que se propõe a materializar os objetivos dos direitos humanos não deve se afastar da igualdade de gênero - como um dos princípios fundamentais garantidos por lei, mas pouco discutido no ambiente escolar.

Neste sentido, problematizar a relação entre gênero e educação é primordial para que haja a formação crítica de sujeitos conscientes de seu papel enquanto cidadã e cidadão (agente político do meio em que vive), buscando a libertação pessoal e coletiva, no enfrentamento ao machismo e sexismo, para ocupar lugares de fala - como a escola, por exemplo, exercendo o empoderamento feminino para acabar com os privilégios, que refletem um sistema patriarcal, o qual destina os homens a ocupações produtivas fora de casa, e as mulheres ao serviço doméstico e à maternidade. Ou, para um grupo seletivo de negros - os meninos/homens escolhem os cursos e/ou profissões da área das Ciências

Exatas, Naturais e Tecnológicas; enquanto as meninas/mulheres, procurem a área das Ciências Humanas ou da Saúde - caracterizando os estereótipos oriundos do conceito de divisão sexual do trabalho - segregação ocupacional.

Para tanto, atribuímos à educação o maior valor como instrumento para a mudança que busca romper com as desigualdades históricas, socioculturais, econômicas e políticas entre meninas e meninos, mulheres e homens. O ensino para a prática de liberdade é pilar de combate ao enfrentamento à dominação, por isso outro aspecto importante e necessário para a pedagogia crítica é a educação feminista. “É preciso rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos de diferença sexual” (SCOTT, 1990, p. 18).

A pedagogia feminista de hooks acolheu a pedagogia crítica de Paulo Freire, articulando a sua aproximação com o feminismo. Ao conhecer a obra do autor, a teórica feminista passou a seguir o pensamento e *práxis* freireanos por ter aprendido sobre novas e libertadoras formas de pensar acerca da realidade social. Contudo, fez críticas contundentes, apontando contradições e binarismos de gênero entre a liberdade e a vivência de masculinidade patriarcal como se fossem a mesma coisa. Percebe e aponta as fragilidades de Freire marcadas pela ausência feminina em seus escritos. Situando-o entre outros intelectuais, hooks afirma:

Infelizmente, não são apenas as pessoas politicamente ingênuas que se mostram inconscientes do fato de que as formas de opressão estão entrelaçadas. Não é raro que pensadores políticos brilhantes também o sejam. Homens como Franz Fanon, Albert Memmi, Paulo Freire e Aimé Césaire, cujas obras têm muito a nos ensinar sobre a natureza da colonização, do racismo, do classismo e da luta revolucionária, geralmente ignoram as questões da opressão sexista em seus escritos (HOOKS, 2019, p. 75).

É nesta esteira de investigações e análises que ela traz Paulo Freire à discussão, relacionando as suas reflexões com a proposta de um movimento político radical que foca na erradicação da ideologia de dominação. Utiliza o paradigma da pedagogia crítica freireana para analisar suas próprias metodologias feministas.

Ainda no capítulo dedicado a Paulo Freire em seu livro: *Ensinando a Transgredir - Educação como prática de liberdade*, descreve a Pedagogia do Oprimido como um escrito que “tem ajudado muitos de nós a desenvolver a consciência política” (HOOKS, 2017, p. 73), mas cujo conteúdo literário expõe

uma tendência a falar da libertação das pessoas como libertação masculina. Ou seja, faz uso da linguagem sexista a qual colabora à sustentação e perpetuação da opressão das mulheres, sobretudo às negras.

Ao longo do referido capítulo, hooks dialoga teoricamente com Freire, pois entende que seus textos não a impediram de identificar-se com a mensagem central e de aprender com ela. Sua censura em relação à obra freiriana acaba quando ele apoiou à crítica ao seu trabalho e se compromete a compartilhar com seus leitores e suas leitoras. A saber:

Se ele tivesse tentado silenciar ou desvalorizar uma crítica feminista, muitas coisas teriam mudado para mim. E não era suficiente, para mim, que ele reconhece seu “sexismo”. Eu queria saber porque ele não tinha mudado esse aspecto de sua obra anterior por que não tinha reagido a ele em seus escritos. Então, ele falou que se esforçaria mais para falar e escrever publicamente sobre essas questões - fato que ficou claro em sua obra posterior (HOOKS, 2017, p. 78).

A autora transformou o seu julgamento ao educador brasileiro em aprendizagens. Assim, o abraçou no mais profundo cerne do seu ser. Em seus próprios termos:

É o pensamento feminista que me dá força para fazer a crítica construtiva a obra de Freire (da qual eu precisava para que, como jovem leitora de seus trabalhos, não absorvesse passivamente a visão de mundo apresentada), mas existem muitos outros pontos de vista a partir dos quais abordo sua obra e que me permitem perceber o valor dela, permitem que essa obra toque o próprio âmago do meu ser. Conversando com feministas da academia (geralmente mulheres brancas) que sentem que devem desconsiderar ou desvalorizar a obra de Freire por causa do sexismo, vejo claramente como nossas diferentes reações são determinadas pelo ponto de vista a partir da qual encaramos a obra. Encontrei Freire quando estava sedenta, morrendo de sede (com aquela sede, aquela carência do sujeito colonizado, marginalizado, que ainda não tem certeza de como se libertar da prisão do *status quo*). [...] Encontrar uma obra que promove a nossa libertação é uma dádiva tão poderosa que, se a dádiva tem uma falha, isso não importa.[...] O trabalho de Paulo tem sido água viva para mim (HOOKS, 2017, p. 70-71).

A partir do seu lugar de *outsider* interna - “lugar social ou espaço fronteiro que marca os limites entre grupos de poder desigual” (COLLINS, 2019, p. 460), articulando suas vivências culturais, políticas, sociais e econômicas, hooks reflete sobre sua infância com restrições socioeconômicas decorrentes da pobreza, do racismo e do heterossexismo patriarcal; como foi necessária a educação nas escolas segregadas - Booker T. Washington e a Crispus Attucks, onde aprendeu com suas professoras que eram quase todas mulheres,

que o intelecto feminino deveria ser exaltado e glorificado. Essas professoras compartilhavam com as estudantes um espírito feminista e sua visão revolucionária. “Elas nos ofereciam um legado da pedagogia libertadora que demandava resistência ativa e rebelião contra o machismo e o racismo (HOOKS, 2019, p. 114).

Logo, compreende a educação como ferramenta necessária para a transformação social. Só através dela - via processos educativos, populares e coletivos, o poder transformador do ensino - do feminismo como educação popular, desafiará as políticas de opressão e todas as suas vertentes. “A pedagogia feminista só pode ser libertadora se for verdadeiramente revolucionária, pois os mecanismos de apropriação dentro do patriarcado de supremacia branca e capitalista são capazes de cooptar com tremenda facilidade o que meramente parece radical ou subversivo” (HOOKS, 2019, p. 116).

Com base nas distintas histórias e experiências, a autora entende que a construção do conhecimento da pedagogia feminista se dá, especialmente em espaços de aprendizagens - grupos de estudos sobre as mulheres e em salas de aula, pois se trata de um movimento social para as transformações políticas, sociais e culturais emergentes. hooks (2019, p. 117), acrescenta:

A educação feminista - a sala de aula feminista - é e deveria ser o lugar onde há um senso de luta, onde há um reconhecimento visível da união entre teoria e prática, onde trabalhamos juntos como professores e alunos para superar o distanciamento e a alienação que tanto têm se tornado norma na universidade contemporânea. A pedagogia feminista deveria, sobretudo, envolver os estudantes em um processo de aprendizado que fizesse o mundo “mais real” e não “menos real.

Ao perceber o feminismo como um processo educativo de tomada de consciência das desigualdades, sobretudo as opressões de gênero, cor e classe social, nos chama a atenção para reportarmos à teoria dentro do ativismo, para não deixarmos de lado as diversas formas de opressão. “A luta pela educação politiza as mulheres negras” (COLLINS, 2019, p. 344).

Seu principal foco é ensinar o que é o feminismo; mas antes, é preciso necessariamente compreender o sexismo. É importante entender que a definição da pedagogia feminista está associada à educação como prática de liberdade. Neste limiar, refere-se a um processo educativo pensado para a construção de um mundo mais democrático para todas/os - mulheres, homens e crianças, como ideologia política, a fim de criar um movimento educacional de massa.

A pedagogia feminista é marcada por esforços em recriar a sala de aula para que ela não seja mais um ambiente opressor e que haja um espaço convidativo para a criação de uma consciência crítica que se dá a partir do feminismo e da consciência feminista para emancipar esses sujeitos – o que Paulo Freire já discutia, mas bell hooks vem dando novos contornos a essa discussão, embora a apreciação à pedagogia crítica não seja particular de seu pensamento. Como a crítica feminista mesmo reconhece, há antecessoras que já alertavam para os limites não apenas da obra de Paulo Freire, em específico, mas da pedagogia crítica radical como um todo.

Guacira Lopes Louro (1997), discute sobre pedagogias feministas nas escolas e universidades, evidenciando as “mulheres em sua diversidade”. A pedagogia feminista construída para “subverter a posição desigual e subordinada das mulheres [...], vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais” (LOURO, 1997, p. 115). A autora comenta que “ao tentar colocar no mesmo plano, com igual legitimidade, o saber pessoal e o saber acadêmico, as pedagogias feministas pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se veem condenadas ao silêncio” (Ibid, p. 113).

Neste prisma, para manter suas ideologias hegemônicas relativas a gênero, raça, classe social e sexualidade, e silenciar nossas vozes, os sistemas educacionais, valorativos e políticos da rígida cultura do colonizador – de quando impuseram seus próprios padrões de produção de conhecimentos e costumes à população negra desde a antiguidade – utilizam a educação para quais naturalizar as hierarquias e preconceitos, baseados nas categorias de gêneros binários.

Como crítica cultural, hooks pensou nos produtos simbólicos e midiáticos de controle e mobilização dos aparelhos ideológicos do estado, e pôs em análise a partir do olhar racial e do gênero. Logo, percebe que que nossas/os discentes – e até mesmo os/as educadores/as, chegam à instituição doutrinados/as para apoiar o patriarcado capitalista, disseminado especialmente dentro de casa, nas igrejas, nas mídias e, até mesmo, nas escolas, as quais propalam o culto ao machismo e racismo. Nessa esteira, Patrícia Hill Collins (2019, p. 448) entende que:

Os currículos escolares, os preceitos religiosos, as culturas comunitárias e as histórias familiares são esferas sociais importantes para a fabricação das ideologias necessárias para manter a opressão. (...) são os currículos escolares que excluem sistematicamente as mulheres negras como assunto legítimo de estudo, ou preceitos religiosos que pregam a igualdade, mas são usados para justificar a submissão das mulheres negras a todos

os homens, ou mesmo ideologias comunitárias que aconselham as mulheres negras a ser mais “femininas” para que os homens negros possam reafirmar sua masculinidade, e histórias familiares que escondem padrão de abuso físico e emocional que culpam as mulheres negras por sua vitimização.

Nota-se, através das políticas públicas educacionais, que há uma visão verticalizada, políticas de controle preconizadas pelo interesse dos grupos dominantes e suas ideologias hegemônicas; distribuição desigual das oportunidades educacionais, práticas corporativas - desigualdades das rendas e riqueza. O que resulta em forte descompasso entre a proposição e a materialização das políticas, tornando a educação excludente e seletiva, sobretudo às meninas e mulheres negras.

Contrariando as estruturas de dominação existentes, reforçadas notadamente através do currículo escolar, materiais didáticos, produção de conhecimento e discurso docente ao reduzir as valiosas tradições epistemológicas do feminismo negro, é preciso promover a recuperação da integridade da menina/mulher oprimida, vista como objeto. Orientá-la a recuperar o desejo pelo conhecimento – cerne do pensamento crítico, em que é possível fazer perguntas e encontrar respostas, unindo a teoria e a prática, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica da própria vida e das relações sociais.

Entendendo em hooks que a educação é subjetiva - que a sala de aula produz um sujeito a partir da produção do conhecimento, do discurso dos/as professores/as e do currículo escolar, nós docentes, temos um papel fundamental na construção do conhecimento desse movimento das mulheres de cor, educando-as a pensar de forma crítica e analítica, usando de novas metodologias construídas para subverter a forma tradicional de ensino que está posto. Porém,

em todas as instituições de ensino hoje há professores que respondam de modo construtivo à crítica aos preconceitos: mudaram o currículo e optaram por ensinar de maneira a honrar a diversidade do nosso mundo e dos estudantes. São corajosos esses professores que reconhecem que as salas de aula devem ser lugares onde a integridade é valorizada para que a educação como prática de liberdade se torne norma, porque o mundo ao seu redor desvaloriza a integridade. Escolher manter padrões elevados para o engajamento e desempenho pedagógico é uma forma de assegurar que a integridade prevalecerá (HOOKS, 2020, p. 65).

A teórica feminista afirma que nós docentes somos considerados/as agentes de transformação social, daí a importância de tencionar as representações simbólicas da temática gênero, a fim de compreender a dinâmica da dominação patriarcal injusta. Nesse contexto, é necessário promover a

educação em conjunto com as/os discentes, construindo uma pedagogia engajada com a prática de liberdade. bell hooks (2017, p. 273) faz uma excelente contribuição acerca dos benefícios do trabalho das/os professoras/os:

[..] A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade.

Sugere-se, portanto, a *práxis* do diálogo entre professoras/es e alunas/os, a fim de quebrar as barreiras que foram erguidas pela tríade: raça, gênero e classe social. Sobre esta prática, Freire (2020, p.110) acrescenta: “Sendo fundamento do diálogo, o amor, é também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa dos sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação”. O diálogo, portanto, é a produção de novas práticas libertadoras, as quais implicam na construção de comunidades de aprendizagem e na formação das diferenças dos sujeitos - mulheres e homens, que formam estas comunidades.

Numa sala de aula feminista, todos os saberes são valorizados. Professoras e professores dão voz e vez ao diálogo, em que mulheres e homens (podem e) devem falar, - mas também ouvir, transmitindo suas experiências a partir do seu lugar social. hooks (2020, p. 14) reconhece na vida das pessoas, no seu conhecimento e no agir, o ponto de partida e chegada:

Por isso, acreditava que todo o processo educativo deveria partir da realidade de cada uma das pessoas envolvidas nesse processo, realidade em que seria levada ao diálogo com outras pessoas, servindo de base para a análise dos problemas e para a construção de propostas para a sua superação. É nesse momento em que se constrói a vida no mundo e na sua história.

Assim, a pedagogia feminista de hooks se aproxima da educação popular o que postula necessariamente uma concepção educativa transformadora e libertária, o que inclui discutir e produzir novas epistemologias acerca do feminismo - o movimento de libertação das mulheres que tem como objetivo acabar com a opressão sexista. Logo, “pôr fim a atribuição de papéis distintos que está na base da ideia de que existiriam talentos e tendências naturalmente diferenciados entre os sexos” (BIROLI e MIGUEL, 2015, p. 26).

Sobre a radicalização do pensamento de Guacira Lopes Louro, a autora coloca em xeque algumas críticas à pedagogia feminista, baseadas na perspectiva pós-estruturalista. A intelectual, e também professora da educação, afirma que

não há como fugir da hierarquização das práticas pedagógicas, da mesma forma que “os dualismos subjacentes a tais pedagogias já parecem anunciar uma concepção das relações de gênero em que o polo masculino sempre detém o poder e o feminino é desprovido de poder” (LOURO, 1997, p. 116).

Indo ao encontro do pensamento de Louro, bell hooks atribui ao “sistema bancário de educação”, a inegociável aplicação do feminismo para todo mundo – inclusive para os meninos/homens, necessário para pôr fim às opressões de gênero. A intelectual os convida a fazer uma dobra ética – refletir sobre suas contradições e seus afetos. Procura deslocar o estudo das masculinidades voltado exclusivamente para o homem, porque existem pesquisas sobre esse tema sem homem, uma vez que não é sobre corpos, mas sim, posições de dominação de poder. O que significa que a masculinidade não é qualidade exclusiva dos homens. Embora aqui também há a hierarquização de múltiplas masculinidades. Com isso, a autora nos convida a entender o porquê dentro das possibilidades de transformação de pôr fim ao imperialismo do patriarcado, compreender as masculinidades é necessário. E comunica que não é sobre equidade de gênero, e sim, erradicação das opressões.

Acerca da prática pedagógica machista reproduzida para as crianças em sala de aula, Chimamanda Ngozi Adichie contribui:

perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam dela. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar a ser “benquistos”. Se, por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões (ADICHIE, 2015, p. 27).

A pedagogia revolucionária, portanto, exige a participação de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, é preciso que nós professoras/es aprendamos a questionar nossa própria linguagem, pois ela é “o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos” (ADICHIE, 2015, p. 35), assim como é importante também não atribuímos valor à diferença. Porque a diferença é a realidade do nosso mundo. hooks (2019, p. 116-117) finaliza dizendo que

quando a luta feminista é o alicerce central para a educação feminista, os estudos sobre mulheres e a sala de aula feminista (que pode existir fora dos domínios dos estudos sobre mulheres) podem ser lugares onde a educação é a prática de liberdade, o lugar da pedagogia libertadora.

A partir da afirmação de que “o processo educativo é passagem da desigualdade para à igualdade” (SAVIANI, 1999, p. 87), a integração entre o currículo e o contexto histórico, político, social e cultural das/os aprendizes, aliado à prática educativa emancipatória – a educação feminista, torna a sala de aula um espaço democrático que valoriza as diferenças, desconstruindo preconceitos, desigualdades ou marginalização entre gêneros. “Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo” (HOOKS, 2017, p. 18) - qualquer pedagogia crítica radical precisa insistir que a coletividade fará a diferença. Não apenas em números, mas em participação, valorizando a voz dos sujeitos e reconhecendo a presença de cada um/a. Todas/os influenciam na dinâmica de sala de aula. Usadas de modo construtivo, as comunidades pedagógicas de aprendizado serão criadas.

Referências

ADICHE, C. N. **O Perigo de uma História única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Sobre Violência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relumbe Dumará, 2001.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 Dez, 1948. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-declaracao-dos-direitos-humanos-faz-70-anos/?gclid=CjoKCQjwy97qBRDoARIsAITONTKaK_znuReTMW_oEKSwD4wIJ1r4WRJ5WHaF69BE8t_yEGn6wSdyVh4aAvT9EALw_wcB>. Acesso em: 17 out 2020.

FREIRE, P.. **Educação como Prática de Liberdade**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

_____. **Pedagogia do oprimido**: 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. **Ensinando a Transgredir:** a educação como prática libertadora. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Ensinando Pensamento Crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **Erguer a Voz:** pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. **O Feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 11. ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2020.

_____. **Teoria Feminista:** da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** [online]. 2008, v. 19, n. 2 [Acessado 30 Agosto 2021], pp. 17-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>>. Epub 17 Set 2010. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>.

_____. Gênero, sexualidade e educação: Uma estrutura pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e Política**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 32. ed. Campinas, Autores Associados, 1999.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v. 16 n.2, jul/dez, 1990. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 17 Mai 2020.